

8.

Considerações finais

Em direção à narração, o comer e beber se implica ao mundo influenciando o comportamento humano demarcado nas atividades e realizações mais práticas e mais concretas sujeitadas à criação de critérios reais. Explora o conhecer, seleciona padrões, compartilha e propõe diferenças entre sociedades dependentes dos recursos naturais, aplicados às mudanças econômicas e sociais na história identificada aos significados culturais.

A experiência com a narração correspondente à alimentação dispõe de um espaço de finalidade, sugere um modo de se criar um mundo, ancora um conjunto de hierarquias determinado pela produção de valor de troca definidor de um legado econômico, integrado a uma função social, regido pelo conhecimento, orientada na criação de um código, um conjunto de fatores que norteiam as vidas e constituem uma gramática comportamental.

Assim os homens se amam, se unem e atrelam seus desejos. É o mundo das permanências, o desejo refere-se à vida, a um futuro imaginado, anunciado em um possível milagre na transformação dos conflitos gerados pelos desejos não satisfeitos que originam sentimentos de incompletude pelo princípio do prazer – presente na ordem do pulsional em oposição ao princípio da realidade no movimento de conciliação com a realidade externa.

Em meados no século XX, nos anos 60, diferentes agrupamentos rurais na passagem ao desenvolvimento capitalista urbano-industrial desvendam um modo de agir no cotidiano, um jeito de ser e de viver articulado a dimensões que passam pelas questões de gênero, cor, raça, etnia, identidade e política. Todo domingo quando as famílias suburbanas comiam galinha envolve diferentes interpretações de valores e costumes decorrentes das relações assimétricas validadas nas relações de poder. No curso da memória, a vigência de uma possível compreensão de um sentido identificado a um hábito alimentar, remetidos a um grupo popular, remanescentes das características pré - industriais projetados na ideia de campo em Bourdieu o espaço social, localizado na oposição entre dominantes e dominados aplicados à perpetuação de um lugar subordinados a uma imagem

negativa socialmente atrelada às estratégias de um modelo homogeneizante destituídos de poder, selecionados como base de categorização referida aos aspectos físicos e psicológicos, estéticos associados aos comportamentos no plano da desigualdade carregada de posições e estruturas hierarquizadas relacionadas à definição de classe, portanto um construto que permite classificar os membros de um grupo.

Na ampliação dessa organização social, vinculada à tortura, identificada com o racismo, a referência de uma ideologia que justifica as arbitrariedades e os desmandos, as mulheres negras ocupam a instância da não voz na ordem da representação, são rejeitadas pelos padrões sociais, recônditas nas atividades intelectuais encerradas nas contradições da vida da cidade moderna, são mulheres sustentadas no apagão de uma cidade iluminada, obscurecidas, a uma referência simbólica e afetiva, um lugar de experiência e de memória em suas histórias anuladas diante de uma construção hegemônica, impossibilitadas de serem ouvidas em um sistema de opressão legitimado pelo conhecimento.

O confinamento das famílias na pobreza não deixou de alimentar uma ideia de melhora de vida na forma de sociabilidade dos grupos apoiados nos graus de parentesco, na esperança de um futuro. Com a reorganização da cidade e dos espaços físicos, a galinha de domingo criada e morta em casa passou a ser comprada no espaço público, lugar de nova organização da vida no cotidiano. Na história de vida do grupo, o hábito alimentar circulava, reuniam-se em diferentes imagens da vida urbana, perdas de funções, novos deslocamentos e significados. Agora chegava a vez, do centro comercial, conhecido como Mercado de Madureira, lugar que se abre às novas perspectivas de consumo, de modo de produção, formas de trabalho localizadas no subúrbio. O subúrbio que reedita um lugar das pessoas identificadas enquanto raça em termos de qualidades concebidas na ideia de racismo manifestado no preconceito, visível na ação concreta geradora de segregação conhecida como discriminação.

No cotidiano, nas formas de vida na cidade são encontros eivados de simbolismos. Para Bachelard, o que dura, recomeça. O almoço de domingo entrelaçado ao hábito alimentar implica-se à imaginação, à linguagem, atira-se à memória e pode ser explicada dando-se ênfase às diferenças de oportunidade

comprometida com a elaboração da resistência, a complexidade e a fragilidade que possuímos no controle que temos sobre nós mesmos incorporados à negação da própria história, assinalados em um contexto político invalidado na proposta de compreensão e intervenção de melhora da condição de nossa própria vida. O tema envolve o processo de exclusão dos negros. Na formulação do conceito de epistemicídio em Boaventura Sousa Santos, citado no trabalho da filósofa Sueli Carneiro (2005), constitui-se na negação das formas de conhecimento produzido pelos grupos dominados, é o processo de banimento, de mobilidade social, de exclusão da racionalidade, da cultura e civilização do Outro. Em Spivak (2010), a resistência faz referência ao desafio da violência epistêmica, a ausência que inviabiliza o possível reconhecimento nos espaços oficiais de formação de uma produção acadêmica comprometida com voz, sem fantasia ou temor, deslocado de um único lugar, reconhecida como instrumento de afirmação racial e cultural, um corpo de raízes atribuídas a uma forma de ser, viver, sentir e pensar.

O momento de comida especial abre-se na reflexão sobre a vida cotidiana, no desejo de igualdade. Na modernidade, a grande armadilha referendada a representação do indivíduo como valor, o compromisso com o desafio de avaliar o próprio papel. No edifício da cultura, o aspecto crucial é a reflexão, a concepção de um saber aplicado à própria construção e o experimento da tomada de consciência no reconhecimento do outro, no acolhimento que aciona o compromisso com uma condição de existência da mulher negra.

Na convivência em sociedade, reconhece-se uma ação importante que se move em um projeto de felicidade, nisso somos todos iguais, felicidade que significa “fértil, frutuoso, fecundo” (Cf, Abbagnano, Dicionário de filosofia, 1978). Esse sujeito do desamparo designado ao desalento, evidencia a ânsia de se estabelecer novos parâmetros e valores que participem de uma possibilidade compromissada com o anúncio da sua voz. Uma voz dissonante que em (SUELI CARNEIRO, 2005: 53), emerge de Guerreiro Ramos, da luta pela reflexão do sujeito discursivo, a partir de uma situação de pertencimento afirmada na raça na condição de subalternidade.

No que se refere - se ao percurso, os grupos inscritos na subalternidade estarão vinculados a certa dor, ao grau de incerteza, à inquietude e angústia na recriação das imagens, na inspiração, na voz, resistência de uma mulher negra.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
(EVARISTO, 1990, p. 32)